

A EDUCAÇÃO PARA A EMANCIPAÇÃO: APROXIMAÇÕES ENTRE O PENSAMENTO DE KANT E ADORNO

EDUCATION TO EMANCIPATION: SOME APPROACHES BETWEEN THE THINKINGS OF KANT AND ADORNO

Anilde Tombolato Tavares da SILVA¹
Cândida Alayde de Carvalho BITTENCOURT²

RESUMO: Este artigo problematiza o tema da educação para a emancipação na contemporaneidade através das aproximações entre o pensamento de Kant e Adorno. Usamos o ensaio *Resposta à pergunta: O que é esclarecimento (Aufklärung)?* de Immanuel Kant e as análises que Theodor Adorno fez acerca da *Aufklärung*, na tentativa de encontrar as confluências entre os pensamentos desses filósofos para se pensar a educação. O pensamento kantiano se configura como um dos mais influentes nas teorias pedagógicas que proliferaram a partir do século XIX, na tentativa de promover na e pela educação o acesso ao homem, a sua maioridade e autonomia. Adorno nos alerta para a atualidade da proposta de Kant para a educação na sociedade, no sentido de que os homens abandonem seu estado de auto-inculpável menoridade em que se encontram e alcancem a emancipação. A análise das relações entre o pensamento de Kant e Adorno implica lançar olhares para a educação e a emancipação num processo de dependência das condições propícias desse tempo e das experiências com o mundo em que vivemos para a educação possa assumir uma atitude crítica e abra caminhos para uma revolução do vir a ser. Estes filósofos trazem elementos significativos e problematizadores no que se refere às possibilidades de novos sentidos de uma educação para a emancipação no presente e as repercussões deste movimento que aparece na *Aufklärung*.

PALAVRAS-CHAVES: Educação. Processo emancipatório. Formação de professores.

INTRODUÇÃO

Através da leitura e análise de textos da filosofia contemporânea e da possibilidade de traçar considerações sobre alguns conceitos a respeito da questão da emancipação e educação, escolhemos o caminho a partir do ensaio de Immanuel Kant (1974): *Resposta à pergunta: o que é <esclarecimento>? (Aufklärung)* e pelas considerações feitas por Theodor Adorno (2003), na tentativa de encontrar as confluências entre os pensamentos destes filósofos. Partimos da idéia lançada por eles de que o homem precisa se emancipar e superar essa menoridade para alcançar a verdadeira liberdade.

O pensamento kantiano se configura como um dos mais influentes nas teorias pedagógicas que proliferaram a partir do século XIX, na tentativa de promover na e

¹ Doutora em Educação, docente do curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Londrina, área de Formação de Professores, líder do GEPEI: Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Infância. e-mail: anilidetombolato@gmail.com

² Doutora em Educação, docente do curso de Artes Visuais na Universidade Estadual de Londrina, área de Formação de Professores, líder do GEPAE: Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte e Educação. e-mail: candida.carvalho@uel.br

pela educação o acesso a cada membro da humanidade a sua maioridade e autonomia. *Aufklärung* é a resposta de Kant. As luzes, o esclarecimento são os elementos principais e estão numa íntima relação dada entre o saber e a liberdade.

O desenvolvimento do saber, para o uso do discernimento do homem para libertar-se de seus “tutores” e sair de sua minoridade é uma tentativa que a humanidade desenvolveu para livrar-se do desconhecido e que teve no Iluminismo seu ponto alto, como exigência racional para transformar moralmente o mundo. Um processo que para Kant, está relacionado à emancipação, à superação da minoridade do qual o próprio homem é culpado de permanecer e aparece como oposição à racionalidade, autossuficiência, determinação, na medida em que o homem se deixa seduzir pelo encanto da comodidade de receber ordens acabadas de seus tutores, sem que precise raciocinar por si próprio.

Adorno, no seu texto *Educação e emancipação* (2003) nos alerta para o quanto a proposta de Kant é atual para a educação e para a democracia vigente na sociedade, na sua principal questão que é a necessidade de que os homens abandonem seu estado de auto-inculpável minoridade em que se encontram e busquem a concretização de sua emancipação; pois, “[...] sua causa não é a falta de entendimento, mas a falta de decisão e de coragem de servir-se de entendimento sem a orientação de outrem.” (ADORNO, 2003, p. 169). Eles devem se emancipar da tutela feita pelos outros, ousando fazer uso público da própria razão.

Buscamos compreender, a partir do pensamento destes filósofos, a *Aufklärung*, enquanto uma infância associada à imaturidade humana, a sua incapacidade aos termos da civilização ou da própria condição do homem. É a incapacidade do homem de servir-se do seu próprio entendimento e por isso depende de outrem. Estes filósofos trazem elementos significativos e problematizadores no que se refere às possibilidades de novos sentidos de uma educação para a emancipação no presente e as repercussões deste movimento que aparece na *Aufklärung*. Consideramos este, um texto significativo sobre a educação para a emancipação e nos oferece a possibilidade dos primeiros passos para abordar a formação e a própria educação na contemporaneidade.

A EDUCAÇÃO E A EMANCIPAÇÃO PARA KANT

Numa das tentativas de definir a educação em *Sobre a Pedagogia*, Kant (1996, p. 19) esclarece que:

[...] a educação é uma arte, cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações. Cada geração, de posse dos conhecimentos das gerações precedentes, está sempre melhor aparelhada para exercer uma educação que desenvolva todas as disposições naturais na justa proporção e de conformidade com a finalidade daquelas, e, assim, guie toda a humana espécie a seu destino.

Nesse parágrafo Kant afirma que a educação é importante para a formação e progresso da espécie humana. O indivíduo deve desenvolver as suas disposições naturais, através da educação, para o bem e, tornar-se, dessa forma, melhor. A tarefa essencial da educação é a formação moral. Ao ser questionado se o homem é moralmente, bom ou mau, Kant respondeu que o mesmo não é nem bom ou mau, pois não é um ser moral por natureza. No entanto, quem não tem educação e disciplina é um selvagem. A disciplina, considerada por Kant a parte negativa da educação, é o que tira do homem a sua “animalidade”; a instrução é a parte positiva da educação. Para Kant o homem pode tornar-se moralmente bom apenas graças à virtude, quando exerce uma força sobre si mesmo. A educação pode estabelecer bons princípios que sejam entendidos e aceitos pelas crianças. O autor reconhece o quão difícil é essa tarefa, mas acredita que um dos princípios da pedagogia e da arte de educar é que se devem educar as crianças para um estado melhorado de humanidade, o que, nem sempre corresponde ao presente.

Para atingir esse propósito na educação, Kant defende que o homem deve ser: disciplinado, entendendo que a disciplina consiste em domar a selvageria e submeter o homem à razão, assim como torná-lo culto, pois a cultura abrange a instrução e vários conhecimentos. Dentro desta linha de pensamento, a educação deve contribuir para tornar o homem prudente, ou seja, a civilidade manifesta na gentileza e na cortesia, assim como, cuidar da moralização. O homem deve escolher os bons fins, aqueles que são bons para todos e, que sejam também, os fins individuais. Para Kant somente a educação pautada na razão poderia ajudar os homens a desenvolverem suas disposições para o bem. O autor entende que o “esclarecimento é à saída do homem de sua menoridade, da qual ele é o próprio culpado.” (KANT, 1974, p. 100).

No texto “Resposta a pergunta O que é esclarecimento?” postula um conceito ao esclarecimento [*Aufklärung*] como um processo de emancipação intelectual resultando de um lado, da superação da ignorância e da preguiça de pensar por conta própria e por outro lado, da crítica do que foi inculcado nos intelectualmente menores por seus maiores (seus superiores hierárquicos). Neste sentido, sua definição se associa à imaturidade, à minoridade do homem. Diz ele:

A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa minoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [*<<Aufklärung>>*] (KANT, 1974, p.100)

É bem característica a forma que Kant estimula o próprio entendimento do homem na sua defesa efusiva: *Sapere Aude!* Ouse saber. O homem precisa ter a coragem de admitir que suas ações e pensamentos, são controlados por certos tutores e que esta situação não é eterna, pois o indivíduo pode, por meio do uso da razão transformar-

se em sujeito. Mas reconhece ser difícil a libertação de estado de menoridade, pois já no final do século XVIII, este estado já havia adquirido outro status. O homem teria se acostumado e criado até certo amor pela sua condição de tutelado, pois é muito mais fácil absorver preceitos e fórmulas dos tutores, quanto aos comportamentos que deverão ser reproduzidos, do que o exercício da autorreflexão e da possível contestação aos mandos e desmandos dos senhores. Para o filósofo alemão, ser sujeito pressupõe um ato de liberdade. Liberdade quanto à forma, à medida que é de seu próprio discernimento fazer uso dela, portanto, devemos livrar-nos de qualquer orientação estranha e, o “[...] uso público da sua razão deve ser sempre livre e só ele pode realizar o esclarecimento [Aufklärung] entre os homens.” (KANT, 1974, p. 104); ou seja, quando esta razão é exercida diante de todo público sábio, opondo-se à utilização privada que se efetua ao preencher cargo público ou função.

Kant é incisivo ao insistir sobre a condição de que se alguém ainda persistir em permanecer no estado de menoridade, o faz somente pela preguiça, pela covardia e pela sua própria escolha de ser guiado pelo entendimento de outro. Para ele, é este processo que impede a humanidade alcançar a maioridade, a própria razão. Razão essa que todos temos, nascemos com ela. O que em geral não se faz é fazer o bom uso dela, seguir suas regras puras e a partir delas julgar o que ocorre na prática. Talvez seja neste processo que podemos pensar a menoridade como um estado do qual o homem deveria superar para tornar-se dono de si mesmo, dotado de razão e conhecimento; onde “[...] depois de terem sacudido de si mesmos o jugo da menoridade, espalharão em redor de si o espírito de uma avaliação racional do próprio valor e da vocação de cada homem em pensar por si mesmo”. (KANT, 1974, p. 102). O iluminismo se apresenta nesse processo, como o movimento histórico definido como a saída da condição desta minoridade apontando os caminhos da própria razão. O iluminismo continua sendo um tema recorrente na contemporaneidade e permeia o sonho da educação para a emancipação, a racionalidade, a liberdade tornando-se assim, o caminho das projeções iluministas para o desenvolvimento da razão.

Kant (1974, p. 104) já defendia que “[...] para este esclarecimento [aufklärung], porém nada mais se exige senão LIBERDADE.” Essa é uma questão que recebe atenção especial no pensamento de Kant. Para ele:

Um dos maiores problemas da educação é o de poder conciliar a submissão ao constrangimento das leis com o exercício da liberdade. Na verdade, o constrangimento é necessário! Mas, de que modo cultivar a liberdade? É preciso habituar o educando a suportar que a sua liberdade seja submetida ao constrangimento de outrem e que, ao mesmo tempo, dirija corretamente a sua liberdade. Sem esta condição, não haverá nele senão algo mecânico; e o homem, terminada a sua educação, não saberá usar sua liberdade. É necessário que ele sinta logo a inevitável resistência da sociedade, para que aprenda a conhecer o quanto é difícil bastar-se a si mesmo, tolerar as privações e adquirir o que é necessário para tornar-se independente. (KANT, 1996, p. 34).

Para o filósofo a liberdade é uma liberdade administrada, obtida somente pela submissão as regras. O homem aprende a ser livre pelo acatamento de limites e das leis sociais; pela internalização de regras. Kant nos ajuda a entender o surgimento da responsabilidade total e plena do homem, não apenas diante do conhecimento, mas também do mundo. A liberdade então é simultaneamente fim e meio do desenvolvimento do saber. Conceito este que a modernidade ainda persegue, mas que sempre se apresentou de forma limitada, já que segue uma regra, já defendida por Kant, “a lei moral” regida e vigiada pela própria consciência humana; ou ainda pelo livre arbítrio. Talvez lembrando o que convencionamos como regra moral e ética do “você deve/ não deve” ou ainda, “não faça aos outros, o que não deseja para você” e que no fundo são idéias segundo as quais se constroem como matriz da regulação de toda conduta humana e colocam a liberdade como qualidade essencial do sujeito e se impõe como conseqüente fundamento de sua existência.

A formação do homem perpassa o apoio mútuo entre a liberdade da sua existência e sua essência, ou seja, porque sou livre, me reconheço como homem e como homem, reconheço minha própria existência, e, portanto sou totalmente independente e livre. Marcando assim a definição da essência humana pela liberdade e pela razão prática; do surgimento da responsabilidade plena e total do homem não só diante do conhecimento, mas diante do mundo. Tudo o que ele é o que o constitui, tudo o que ele faz depende somente dele próprio.

Kant dá valor extremo à noção de responsabilidade, colocando a partir daí a natureza humana em nossas mãos e não mais dada pelo sagrado. Este é o momento em que a natureza humana passa a se traduzir pela sua incompletude e, portanto, a responsabilidade pela construção e sua transformação fica a cargo do próprio homem. O texto de Kant nos dá a impressão de afirmar que a humanidade estaria então, usufruindo os benefícios de uma época esclarecida e teria alcançado à sua maioridade, o caminho da razão. Isto, no entanto, é contestado pelo próprio Kant (1974, p. 112) quando afirma que não vive uma época esclarecida, mas:

[...] uma época de esclarecimento [Aufklärung]. Falta ainda muito pouco para que os homens, nas condições atuais, tomados em conjunto, estejam já numa situação, ou possam ser colocados nela, na qual em matéria religiosa sejam capazes de fazer uso seguro e bom de seu próprio entendimento sem serem dirigidos por outrem.

Por outro lado, o mesmo Kant identifica a existência de claros sinais da saída do homem do seu estado de minoridade. Uma questão que não pode ser desconsiderada diante da própria organização da sociedade existente em seu tempo. E considerando por este aspecto, afirma estar vivenciando a época de esclarecimento, ou seja, o século de Frederico. No seu ensaio, dá ênfase ao caráter processual da *Aufklärung* no reconhecimento de que ainda não vivenciava uma época esclarecida, mas se encaminhava para tal e que se faz possível através do fortalecimento da formação.

Quando o sábio e com ele, todos os outros cidadãos conseguem fazer uso público da razão, as bases da condição de menoridade são retiradas. A possibilidade de poder raciocinar por si mesmo, ao mesmo tempo, que tem a liberdade para poder criticar as instituições as quais o homem está subordinado quando faz uso privado da razão deve ser um direito assegurado pelo Estado. O exercício deste compromisso de se fazer uso público da razão resulta necessariamente na própria benfeitoria da sociedade, pois não se limita ao indivíduo, mas revela-se nas próprias instituições, no coletivo social.

Na sociedade moderna, esta tutela contra a qual Kant se opôs radicalmente, quando sustentou a importância de que o homem abandonasse sua condição de menoridade, fazendo o uso público da razão, adquire novos contornos que Adorno busca fazer análise.

O ESCLARECIMENTO E ADORNO BUSCANDO PONTOS CONVERGENTES

Dentro desta tradição kantiana de defesa do esclarecimento que Adorno, no seu texto *Educação – para que?* (2003), demarca a educação como o caminho possível para ter coragem e decisão para usar o nosso próprio entendimento, pois a práxis educativa nada mais seria do que a própria emancipação:

De certo modo, emancipação significa o mesmo que conscientização, racionalidade... A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo. Porém, ela seria igualmente questionável se ficasse nisso, produzindo nada além de *well adjusted people*, pessoas bem ajustadas, em consequência do que a situação existente se impõe precisamente no que tem de pior. (ADORNO, 2003, p. 143).

A atualização da proposta emancipadora de Kant deve ser ainda mais radical posto que uma sociedade livre, em tese, seria o que determina a possibilidade de emancipação e a sociedade atual não possui tal pressuposto, pois esta se faz pela dominação e, portanto contribui para a perpetuação do próprio irracional estado de menoridade, da determinação da falta de liberdade e do processo de dominação. A principal referência deste processo é o educador ou aqueles que se colocam como tutores esclarecidos, como os governantes e mestres que fazem uso da autoridade e tentam legitimá-la através de saberes e valores absolutos, impedindo assim, o homem fazer uso de seu próprio entendimento e de tornar-se autônomo.

No que se refere ao esclarecimento, Horkheimer e Adorno (1985) consideram que o mesmo não se limita somente ao processo histórico-filosófico do Iluminismo, mas diz respeito a toda a tentativa que a humanidade desenvolveu para livrar-se do desconhecido, o que teve no Iluminismo seu ponto alto. Portanto, este processo pode ser encarado como a própria história da racionalidade, ou como o “[...] desencantamento do mundo” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 19). Em

linhas gerais, ao descrever este processo, os autores defendem uma primeira tese: o mito, por paradoxal que possa parecer, foi uma forma de esclarecimento, pois foi uma tentativa racional de explicação para o mundo. A segunda tese defendida pelos autores é que, o esclarecimento propriamente dito, aquele que decorre de uma tradição científica, a qual estabelece o princípio de leis gerais, acabou por cair numa nova mitologia com o desenvolvimento do positivismo e com a supremacia da técnica na sociedade, pois:

[...] quanto mais se desvanece a ilusão mágica, tanto mais inexoravelmente a repetição, sob o título da submissão à lei, prende o homem naquele ciclo que, objetualizado sob a forma de lei natural, parecia garanti-lo como um sujeito livre. O princípio da imanência, a explicação de todo acontecimento como repetição, que o esclarecimento defende contra a imaginação mítica, é o princípio do próprio mito. (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 26).

Desta forma, mesmo sob o discurso da liberdade, a razão científica não cumpriu o que prometeu, pois ao tentar o domínio absoluto da natureza, acabou por intensificar uma nova forma de dominação: a de homens sobre outros homens, por meio do trabalho.

Segundo os autores, a regressão ao mito está na própria essência do esclarecimento, mas pode se desenvolver principalmente, pela matematização da linguagem científica que sob uma aparente neutralidade, transformou o próprio pensamento em coisa, deixando de lado a exigência universal de pensar o pensamento. O pensamento então, se torna factual e o conhecimento restringe-se ao que pode ser classificado, calculado e repetido. Neste processo, o sujeito pensante encontra-se dominado pelo próprio fato e pela imediaticidade, pois só é considerado conhecimento aquilo que pode ser visto e comprovado matematicamente. Para os autores, então, o sujeito pensante torna-se também dominado. Assim, o objetivo inicial do esclarecimento que foi a dominação do homem sobre a natureza foi convertido em um novo mito: da aparente neutralidade, da matematização dos conceitos, da linguagem factual, o que em última instância demonstra que os homens permanecem no jugo da natureza. A coisificação do sujeito é o exemplo máximo do esclarecimento regredido ao mito.

No entanto, os autores consideram este processo como dialético, isto é, há elementos de regressão em sua essência, mas há também elementos de positividade, os quais podem ser resumidos na própria capacidade humana de reflexão. O que os autores apontam com extrema precisão é que o esclarecimento e a racionalidade não estão dissociados das condições objetivas da sociedade na qual eles se desenvolvem. Assim, se a sociedade é contraditória, o esclarecimento também o será, pois ele não está acima das relações sociais, mas ao contrário é fruto delas.

Para Adorno (2003, p. 181), Kant “[...] determinou a emancipação de um modo inteiramente conseqüente, não como uma categoria estática, mas como uma categoria dinâmica, como um vir a ser e não um ser.” Entretanto, não desconsidera a relevância das normas sociais e as condições necessárias para a saída do estado de menoridade.

Não se coloca contrário ao processo de autoridade nos processos socializadores, mas aponta os excessos em relação à autoridade como o que predominou na educação e contribuiu para a persistência da menoridade. Para ele, a possibilidade de emancipação depende do contato com um modelo de autoridade: Mas de maneira alguma isto deve possibilitar o mau uso de glorificar e conservar essa etapa, e quando isso ocorre os resultados não serão apenas mutilações psicológicas, mas justamente aqueles fenômenos do estado de menoridade no sentido da idiotia sintética que hoje constatamos em todos os cantos e paragens. (ADORNO, 2003, p. 177).

Salienta, no entanto, que os excessos de autoridade não devem alimentar a persistência do estado de menoridade, no sentido desta “idiotia sintética” que ele aponta como predominante no meio educacional e que atinge a todos na sociedade desde tutores, governantes, mestres como também os tutelados que supostamente devem ser emancipados. Por outro lado, também estes deveriam refletir sobre sua menoridade, pois no movimento de emancipação, a figura da escola, dos professores, dos alunos é central. Sustenta ainda, o argumento de que as pessoas que lutam pela emancipação devem trabalhar duramente para a educação que tem por finalidade a contradição e a resistência ao estado de barbárie, à educação pela dureza. É o procedimento que mostra o caminho em direção à importância da educação na formação de pessoas emancipadas. Diz ele:

Tenho a impressão de que, por mais que isto seja almejavél, tudo ainda se dá excessivamente no âmbito institucional, sobretudo da escola. Mesmo correndo o risco de ser taxado de filósofo, o que, afinal, sou, diria que a figura em que a emancipação se concretiza hoje em dia, e que não pode ser pressuposta sem mais nem menos, uma vez que ainda precisa ser elaborada em todos, mas realmente em todos os planos de nossa vida, e que, portanto, a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para a educação seja uma educação para uma contradição e para uma resistência. (ADORNO, 2003, p. 182-183).

Adorno aposta na disposição, na coragem e na vontade de não servidão que postula a possibilidade de uma educação para a emancipação; ou seja, como uma reflexão crítica do processo de conversão da formação em semicultura, resultado dos mecanismos da indústria cultural e na autorreflexão crítica que resulta essencialmente da consolidação de uma proposta de práxis pedagógica comprometida que propõe um despertar à consciência dos jovens já tão enganados por estes mecanismos:

Assim, tenta-se simplesmente começar despertando a consciência quanto a que os homens são enganados de modo permanente, pois hoje em dia o mecanismo da ausência de emancipação é o *mundus vult decipi* em âmbito planetário, de que o mundo quer ser enganado. A consciência de todos em relação a essas questões poderia resultar dos termos de uma crítica imanente, já que nenhuma democracia normal

poderia se dar ao luxo de se opor de maneira explícita a um tal esclarecimento. (ADORNO, 2003, p. 183).

É nisto que se sedimenta as possibilidades da educação para a emancipação na visão de Adorno. Ele acredita numa educação do “tornar infecto”, onde é possível tornar os jovens “infectos” aos mecanismos da propaganda e da indústria cultural que os levem a uma autorreflexão crítica sobre sua menoridade, sua natureza recalcada e dominada que faz residir nela mesma a barbárie. E compreendendo assim, essa educação para emancipação como uma educação para a barbárie e por isso, insiste numa pedagogia da *Aufklärung* que reedue as pessoas interessadas e neste caso, um convite aos professores em pensar o tempo presente. Desta forma, despir-se dos estigmas autoritários que se sedimentaram em torno da figura do professor e contribuir para não reprimir o medo, mas assumi-lo para que juntos, professores e alunos possam buscar o esclarecimento sobre este sentimento e se emanciparem. “Eles não devem sufocar suas reações afetivas, para acabar revelando-as em forma racionalizada, mas deveriam conceder essas reações afetivas a si próprios e aos outros, desarmando desta forma, os alunos.” (ADORNO, 2003, p. 113).

Para Adorno, a principal tarefa da educação é ser uma educação política e se concentraria na desbarbarização da humanidade e por mais obstáculos que se coloquem no caminho, a escola precisa “[...] libertar-se dos tabus, sob cuja pressão se reproduz a barbárie.” (ADORNO, 2003, p. 117). Não é por acaso que defende efusivamente que “[...] qualquer debate acerca das metas educacionais carece de significados e importância frente a essa meta: que *Auschwitz* não se repita [...]” (ADORNO, 2003, p. 119), pois considera esta ou qualquer outra barbárie de semelhantes proporções, o fato contra a qual toda a educação deve dirigir-se.

Auschwitz representa uma marca do passado, do presente e do futuro. Uma lembrança que move aquilo que representa o sofrimento do passado, a angústia que sentimos no presente e a culpa que nos acompanhará no futuro. A educação só terá, sentido como educação se dirigida a uma autorreflexão crítica e passa a ter a função de não deixar que este fato do passado seja esquecido e assim, fazê-lo sentir-se para que essa ou outra barbárie da história não se repita nunca mais. Ele se refere a uma educação após *Auschwitz*; aquela que tem por objetivo evitar a repetição e por isso, precisa se concentrar na formação do homem. Além disto:

[...] ao esclarecimento geral, que produz um clima intelectual, cultural e social que não permite tal repetição; portanto, um clima em que os motivos que conduziram ao horror tornem-se de algum modo conscientes. (ADORNO, 2003, p. 123).

É preciso preparar as pessoas para a autonomia, o poder da autorreflexão e autodeterminação, porque depois de muito tempo, embebidas pelo poder ideológico, ao se verem diante de um novo momento, não sabem como lidar com ele e mostra o quanto os tentáculos da dominação autoritária continuam presentes na civilização

mutilando a consciência. Por isso, quanto mais se investir na formação humana, desde a infância, maior será a chance de superar a barbárie, pois para Adorno, a primeira infância é o momento da vida em que os mecanismos de defesa ainda não estão completamente instaurados e a reificação da consciência ainda não processou por completo ficando mais fácil combatê-los. Sem esquecer que junto aos seus pais, professores ou governantes, as crianças são também produtos desta sociedade, cujas marcas estão presentes. Por este motivo, Adorno compreende esta educação para a emancipação como aquela que foi representada historicamente por *Auschwitz* e direcionou-se para a barbárie que persiste ainda em nosso tempo, pois ainda não conseguimos nos livrar dos horrores e dos gestos da mais nefasta irracionalidade.

Contra-poner-se a esta barbárie é o que propõe, à medida que os educadores sejam reeducados a pensar seu próprio tempo e adverte contra os efeitos negativos de um processo pautado meramente numa estratégia de “esclarecimento” da consciência sem levar em conta a forma social em que a educação se concretiza como apropriação de conhecimentos técnicos; pois, quanto mais à educação se fechar ao condicionamento social mais ela se transforma em presa da própria situação social existente, ou ainda como bem nos coloca Wolfgang Leo Maar na Introdução de *Educação e emancipação* “[...] é a situação do sonho de uma humanidade que torna o mundo humano, sonho que o próprio mundo sufoca com obstinação na humanidade [...]” (ADORNO, 2003, p. 12). A educação, nesse sentido, é necessária e contribui para produzir a situação vigente, mas sente-se também impotente para transformá-la. O caminho que resta é pensar a sociedade e a educação no seu devir para fixar possibilidades históricas para a emancipação no sentido de tornar-nos sujeitos refletidos da história e aptos a interromper a barbárie. Pois, se *Auschwitz* existiu é porque existiram condições objetivas para isto.

A possibilidade está em se refletir sobre os feitos do passado no presente do sujeito para que este possa ter a atitude de lutar contra a barbárie instaurada na sociedade. Na sua relação com o presente, também elegeu a resistência, enquanto atitude do indivíduo em relação ao seu mundo, como principal herança da *Aufklärung* que passa a ser também a problemática a ser enfrentada pela autorreflexão crítica sobre nossa menoridade; pois numa sociedade totalmente administrada como a nossa, a emancipação só seria possível como forma de resistência a todos os processos de dominação existentes.

O que Adorno propõe, diante do diagnóstico do presente é um trabalho de autorreflexão crítica sobre nós mesmos, fazendo-nos reconhecer os mecanismos inconscientes que produzem a personalidade autoritária e dominada que existe em cada um de nós. Uma proposta que possibilita que *Auschwitz* não se repita no presente e o desenvolvimento da *Aufklärung*, desde que suas promessas não sejam esquecidas. É a possibilidade da perseverança da atitude que consiste na autorreflexão crítica do presente sobre a menoridade na qual estamos imersos e assim desenvolver

uma atitude crítica para a resistência à dominação dos horrores de *Auschwitz* que persistem em nossa atualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certamente a análise das possíveis relações entre o pensamento de Kant e Adorno, implica lançar olhares e sentimentos filosóficos sobre o presente, seja pela perda do sentido atual da subjetividade ou de uma idéia de sujeito universal que fundamenta o discurso filosófico da e sobre a modernidade. Estes filósofos nos deram elementos significativos para análise reflexiva sobre as possibilidades de novos sentidos para pensar uma educação para a emancipação no presente e as repercussões deste movimento de ideal de emancipação e da racionalidade técnica que aparece na *Aufklärung*. O que está em jogo, no entanto, não são apenas as condições que estão impressas nestas idéias por suas filosofias à prática educacional; afinal, as possibilidades da educação para a emancipação dependem das condições propícias desse tempo presente e das experiências com o mundo em que vivemos para que a própria educação ou mesmo que o professor assuma uma atitude crítica como a apresentada e possa abrir caminhos para uma revolução do vir a ser.

Se, no projeto geral das luzes, a educação escolar tinha como propósito formar cidadãos esclarecidos, emancipados, para que fossem capazes de debater e decidir com conhecimento de causa, hoje não parece mais destinada a formar uma elite capaz de guiar a nação para uma emancipação, mas a atuar na produção de profissionais úteis à economia nacional. O sentido da própria educação vai ganhando novos contornos na contemporaneidade. É preciso que admitamos nossa incapacidade de ser professores daquilo que não vivenciamos ou pelo menos daquilo que não refletimos, mas devemos ser sempre aprendentes e refletir sobre o que vivenciamos e o que foi vivenciado para contar nossa história. O saber supõe um desejo de construção que parece ter desaparecido no presente e na função da educação escolar.

Para Adorno, a analogia que instigou Kant a se ocupar do esclarecimento da ilustração no final do século das luzes, ocupa-se em analisar a formação educacional colocando a educação como um problema da sociedade moderna, pois, já ultrapassa a idéia de formação da consciência de si, ao aperfeiçoamento moral, à conscientização. A formação que se pensava conduzir à autonomia dos homens, precisa hoje levar em conta as condições da produção e reprodução da vida humana a que estão subordinadas na sociedade.

A atitude crítica se estabelece em relação ao contraponto da racionalidade burguesa do século XVIII, à medida que a subjetividade abre caminhos para o contato com o que a frieza da racionalidade burguesa obstruiu. Vivemos numa *sociedade administrada*, onde não há espaço para autonomia e, portanto, não há espaço para o indivíduo como sujeito de seus pensamentos e atos.

Estes filósofos nos possibilitam um campo possível para compreender a relação entre a menoridade, o processo emancipatório e a educação, vistos enquanto condição do próprio homem, uma relação que exige hoje, disposição para uma atitude crítica de resistência para que efetivamente ocorra uma educação para a emancipação. Nesta perspectiva, a emancipação se propõe dar novo significado para um pensar crítico e reflexivo em que o próprio homem seja parte constitutiva deste processo, diante da incapacidade de reflexão como vivenciamos no presente.

SILVA, Anilde Tombolato Tavares da; BITTENCOURT, Cândida Alayde de Carvalho. Education to Emancipation: Some Approaches Between the Thinkings of Kant and Adorno. *Educação em Revista*, Marília, v. 14, n. 1, p. 53-64, Jan.-Jun. 2013.

ABSTRACT: This article shows the problematic of the theme of education to emancipation during contemporaneity through the approaches between the thinkings of Kant and Adorno. We used the essay *Resposta à pergunta: O que é esclarecimento (Aufklärung)?* (Answer to the question: What is clarification (Aufklärung)?) from Immanuel Kant and the analysis that Theodor Adorno did about Aufklärung trying to find the confluences between the thoughts of these two philosophers in order to reflect about education. Kant's thoughts is set as one of the most influential in pedagogical theories that spread from the XIX century, trying to promote in and by education in the access to the men, in their majority and autonomy. Adorno warns us to the actuality of Kant's proposal to education in society, meaning men leaving their self – blamed underage that is found and reached in the emancipation. The analysis of the relations between the thoughts of Kant and Adorno implies seeing education and emancipation in a process of dependence of the favorable conditions for the preset time and the experiences with the world that we live in order to education itself assumes critical attitudes and opens paths to a revolution that is coming. These philosophers bring significant elements and problem-solving in what is referred to the possibilities of new meanings from an education to emancipation in the present and repercussions of this movement shown in *Aufklärung*.

KEYWORDS: Education. Emancipatory process. Teaching formation

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. *Educação e emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. *Dialética do esclarecimento*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- KANT, I. Resposta à pergunta: que é esclarecimento (Aufklärung)?. In: KANT, I. *Textos seletos*. Petrópolis: Vozes, 1974. p.101 -117.
- _____. *Sobre a pedagogia*. trad. de Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Ed. UNIMEP, 1996.